

GRACIENE DA SILVA CASTRO

**OS MITOS E A TRANSMISSÃO DE SABERES INDÍGENAS: UMA ANÁLISE
CRÍTICA DA OBRA “NÓS” DE MAURÍCIO NEGRO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no âmbito da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito do curso de graduação em Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

PARINTINS – AM

2025

GRACIENE DA SILVA CASTRO

**OS MITOS E A TRANSMISSÃO DE SABERES INDÍGENAS: UMA ANÁLISE
CRÍTICA DA OBRA “ NÓS DE MAURÍCIO NEGRO”.**

Aprovada em 17/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Delma Pachêco Sicsú
Orientador

Luis Alberto de Carvalho
Membro Interno/Externo

Thiago Costa Pereira
Membro Interno/Externo

**PARINTINS
2025**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

C355m Castro, Graciene da Silva
Os mitos e a transmissão de saberes indígenas: uma análise crítica da obra "Nós de Maurício Negro" : uma análise crítica da obra "Nós de Maurício Negro" / Graciene da Silva Castro . Manaus : [s.n], 2025.

20 f.: il.; 21,0 cm.

TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.
Inclui Bibliografia.
Orientador: Delma Pacheco Sicsu.

1. Literatura. 2. Mito. 3. Saberes . 4. Identidade. 5. Indígenas. I. Delma Pacheco Sicsu (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)81

OS MITOS E A TRANSMISSÃO DE SABERES INDÍGENAS: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA OBRA “NÓS” MAURÍCIO NEGRO

Graciene da Silva Castro¹

Delma Pacheco Sicsú²

Resumo: O presente artigo tem como finalidade realizar uma análise crítica da Obra “*Nós*” uma Antologia de Literatura Indígena de Maurício Negro, que reúne 10 narrativas contadas por escritores indígenas, evidenciando como os mitos contribuem para a transmissão de saberes indígenas. A pesquisa é de natureza qualitativa, cujo método de abordagem foi fenomenológico, uma vez que o objeto de estudo são os mitos, os quais transmitem saberes sobre os modos de vida, bem como sobre as relações sociais e culturais estabelecidas no contexto indígenas. Foram analisadas três narrativas “O peixe-boi dos maraguá” de Yaguarê Yamã e Lia Minápoty, “Peneira de Arumã” de Jaime Diakara e “A Origem do Açaí” de Tiago Hakyi. Como fundamentação teórica, utilizaram-se os trabalhos de Dorrico (2018); De Souza Oliveira, (2021); Kambeba (2020); Santos, 2018; Minayo (1994); Sicsú (2024); Thiel (2006); entre outros autores que abordam sobre a literatura e a marca da construção da identidade indígena.

Palavras-chave: Literatura Indígena; Identidade; Saberes indígenas.

Abstract

This article aims to conduct a critical analysis of the work "Nós" (We), an anthology of Indigenous literature by Maurício Negro, which brings together 10 narratives told by Indigenous writers, highlighting how myths contribute to the transmission of Indigenous knowledge. The research is qualitative in nature, using a phenomenological approach, since the object of study is myths, which transmit knowledge about ways of life, as well as about the social and cultural relations established in the Indigenous context. Three narratives were analyzed: "O peixe-boi dos maraguá" (The Manatee of the Maraguá) by Yaguarê Yamã e Lia Minápoty, "Peneira de Arumã" (Arumã Sieve) by Jaime Diakara, and "A Origem do Açaí" (The Origin of Açaí) by Tiago Hakyiq. The theoretical framework draws on the works of Dorrico (2018); De Souza Oliveira (2021); Kambeba (2020); Santos (2018); Minayo (1994); and Sicsú (2024). Thiel (2006); among other authors who address literature and the mark of the construction of indigenous identity.

Keywords: Indigenous Literature; Identity; Indigenous Knowledge.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se insere no campo da Teoria da Literatura e dos Estudos Decoloniais, dedicando-se à análise da literatura indígena contemporânea no Brasil, tradicionalmente

¹ Graduanda do curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, gdsc.let21@uea.edu.br.

² Doutora e Professora do curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, dsicsu@uea.edu.br.

marginalizada por um prisma eurocêntrico. A produção literária dos povos originários emerge como um espaço vital de ativismo, memória e resistência cultural.

Neste contexto, o objetivo central desta pesquisa é realizar uma análise crítica da obra “*Nós*”, uma antologia de literatura indígena, organizada e ilustrada por Mauricio Negro, com foco em como os mitos veiculados em seus contos contribuem para a transmissão e preservação dos saberes indígenas.

Para tanto, o *corpus* de análise foi delimitado em três narrativas a saber “Hariporia, a origem do açaí” (Saterê-Maué), “Guarūguá, o peixe-boi dos Maraguá” (Maraguá) e “Wuhu Siburu, peneira de Arumã (Dessana). A escolha dessas narrativas se justifica por serem representativas da literatura indígena contemporânea brasileira, oferecendo uma visão rica e diversificada da cultura e da cosmovisão indígenas. Além disso, elas permitem compreender a relação entre o homem e a natureza, a origem do mundo e a importância da tradição e da memória para a preservação da identidade indígena.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando o método fenomenológico para aprofundar a compreensão dos aspectos essenciais e intrínsecos dos mitos como fenômeno cultural. Quanto aos procedimentos técnicos, “são a maneira pela qual se obtém os dados necessários para a elaboração da pesquisa” (Gil, 2013, p. 54). Para isso, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, que é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Embora quase todos os estudos exijam algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

A teoria crítica que sustenta esse trabalho é decolonialidade, entendida como uma reação crítica às violências deixadas pelo colonialismo, um sistema empregado para a dominação e exploração do trabalho e das riquezas dos povos colonizados. Esse processo histórico deixou marcas profundas que perpetuam preconceitos e desigualdades em relação às classes subordinadas, influenciando a sociedade ainda hoje.

No entanto, a emergência de escritores indígenas na literatura representa um movimento importante de resistência e afirmação de identidade. Por meio de suas narrativas orais e escritas, esses autores desmitificam estereótipos e oferecem uma visão autêntica de suas culturas e ancestralidades. Ao fazê-lo, contribuem para uma compreensão mais profunda e respeitosa das diferenças culturais, desafiando as narrativas dominantes e promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva. Assim, foram utilizados os trabalhos de Dorrico (2018); De Souza Oliveira,

(2021); Kambeba (2020); Santos, 2018; Minayo (1994); Sicsú (2024); Thiel (2016); entre outros, que abordam sobre a literatura e a marca da construção da identidade indígena.

1. A LITERATURA COMO ESPAÇO DE MANUTENÇÃO DE SABER

A literatura surge da necessidade do ser humano de expressar sua realidade, evidenciando seus sentimentos, valores, ideologias, sejam elas de cunho filosófico ou simbólico. São construções linguísticas culturais compartilhadas, internalizadas por indivíduos que pertencem a determinado grupo social. Ao longo do século XIX, diversas teorias literárias passaram a enxergar a literatura como um produto sócio-histórico, influenciando o discurso empregado pelos autores seus poemas, romances, epístolas, consolidando com a visão que o leitor terá da narrativa, assim formando a sequência clássica que uma obra tem, no que se refere a sua dinâmica de produto discursivo: Autor + Romance (produto/obra histórico e cultural) + Leitor.

A Teoria da Literatura, que ora buscava compreender a obra literária a partir desses elementos foi uma das concepções literárias que agregou essas três tríades. E como afirma (Amora, 1944) “A teoria da literatura é extremamente complexa, e que com isso necessita-se arrumar seus objetos numa ordem prática, na seguinte sequência: obra – autor- leitor- público como entidade coletiva - ambiente cultural e contexto histórico”. Com isso, a obra se constrói com a relação desses três elementos que possibilitam que os discursos sejam expressos como algo útil que detém de algum valor para a vida humana.

O mito, portanto, narra a origem das coisas em relação ao sagrado. A isso se atribuem duas palavras “cosmogonia” na qual é a narrativa sobre o nascimento e a organização do mundo e a “teogonia”, que se refere as narrativas sobre o nascimento dos deuses” (Chauí, 2013). Rocha (2012) complementa que o mito aborda “a origem do universo, da Terra, da vida, do homem e das línguas”, evidenciando a preocupação histórica com as origens.

A linguagem do mito constitui uma construção simbólica de explicações, ainda que de forma ficcional, a realidade de determinado núcleo social. Essa narrativa é transmitida de geração em geração, formando memória coletiva e contribuindo para a identidade cultural de um povo. Como afirma (Fochi, 2017):

Os espaços de memória são entendidos como restos, ruínas, evidências remotas que, com muito custo e esforço, ainda ecoam no presente. Diante disso, faz-se necessário criar arquivos, registrar e reunir o maior número de informações possíveis, marcar os fatos e as festividades nos calendários oficiais e dispensar reverências comemorativas, empreender atividades de resgate e tombamento (p.67).

No contexto indígena, destaca-se a importância de criar espaços de memória e preservar evidências remotas da história, os eventos e fatos. A ideia de que os espaços de memória são restos, ruínas, evidências remotas que precisam ser preservados é particularmente relevante no contexto da cultura indígena, onde a história e a identidade tem sido frequentemente apagadas, distorcidas ou marginalizadas.

A literatura indígena é apresentada como uma forma de ativismo e engajamento, permitindo que minorias historicamente marginalizadas assumam o seu protagonismo público, político e cultural. A escrita, nesse contexto, não é um fim em si mesma, mas um meio para uma práxis político-pedagógica de resistência. [...] Os escritores indígenas aliam-se ao movimento indígena brasileiro que emerge enfim de 1970 com a intenção de politizar e em consequência, de publicizar a luta indígena no país como reação aos projetos de expansão socioeconômica dinamizado pelos governos militares nas regiões norte e centro-oeste. (Dorrigo, 2018, p. 11-12).

Essa relação entre literatura e movimento indígena evidencia a busca por uma voz ampla e forte para expressar reivindicações e direitos dos povos indígenas. A menção aos projetos de expansão socioeconômica dos governos militares é importante, uma vez que remete a história de violência e exploração que os povos indígenas sofreram no Brasil. Partir da década de 1970, o governo brasileiro implementou políticas de desenvolvimento econômico que resultaram expulsão de comunidades indígenas de suas terras, na destruição de seus modos de vida e na violação de seus direitos humanos.

Embora assegurados pela constituição de 1998 ainda há preconceito na sociedade marcada por violências e discriminação aos povos indígenas, pois ainda são vistos como seres do passado sem história ou sem direitos. Como observa Kambeba, (2020):

A literatura indígena busca reafirmar a identidade e o lugar dos povos nativos no mundo, desafiando estereótipos e promovendo a alteridade. Textos literários indígenas convidam o leitor não indígena a repensar a forma como os povos nativos foram historicamente representados. (Kambeba, 2020, p.243)

A produção literária indígena se torna, assim, uma fonte importante para atualização da memória de todos. As narrativas orais agora registrada por escrito se tornam uma forma de documentar memórias e mantê-las vivas para futuras gerações. Além de preservar a cultura, tradição e valores, essas obras promovem diversidade cultural e respeito aos direitos indígenas.

Segundo Sicsú (2023, p.17), observa que, “embora a literatura indígena passe a ser registrada no objeto livro a partir do século XX, as narrativas míticas e lendárias registradas nesse suporte existem há séculos por meio da literatura oral que continua viva e contribuindo na formação da identidade cultural e de quem as ouve”. Visto que as narrativas orais já existiam antes de serem escritas, e eram narradas por pessoas mais velhas, pois elas detinham esses conhecimentos sobre a natureza e eram respeitados pelos mais novos.

Nas narrativas indígenas o mito, lendas, as crenças os saberes e o modo de ver o mundo, são presentes dentro do contexto amazônico. Essas histórias são passadas de geração pelas comunidades indígenas. Elas podem abordar a criação do mundo, a relação com a natureza, a história de heróis e heroínas, entre outros temas. As narrativas indígenas são uma parte importante da cultura desse povo e desempenha um papel crucial na preservação de suas tradições e valores (SICSÚ, 2024, p.18).

Com ênfase na fala da autora é uma excelente descrição da importância das narrativas indígenas e do papel que elas desempenham na cultura, no registro e na identidade dos povos indígenas. É fatídico como essas histórias são capazes de transmitir saberes, valores e crenças de geração a geração e como elas estão profundamente enraizadas no contexto amazônico.

2. A IMPORTÂNCIA DO MITO NA PRESERVAÇÃO DE SABERES DAS SOCIEDADES TRADICIONAIS

O mito não pode ser visto como uma simples ficção ou uma história fantasiosa, mas sim como um sistema de saber que é vital para a sobrevivência e a identidade das sociedades tradicionais. Nesse contexto, o mito é uma realidade viva que transcende o tempo, conectando o passado com o presente. Ele funciona como a principal forma de registrar e transmitir conhecimentos essenciais sobre a origem do mundo, as normas sociais, as práticas rituais e a própria história de um povo.

O mito narra uma história sagrada; ele relata um acontecimento que teve lugar no Tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. [...] É sempre a narração de uma ‘criação’: conta-se de que modo algo foi produzido, de que maneira começou a ser.” (Eliade, 1972, p. 6-7)

A importância do mito está diretamente ligada à sua capacidade de fornecer modelos de comportamento. Ao narrar as ações de heróis, divindades e ancestrais, o mito não apenas conta uma história, mas também estabelece um guia para a vida prática. Através de rituais e cerimônias que recriam os eventos míticos, a sociedade participa ativamente desse saber, garantindo que ele não seja esquecido, mas vivido e renovado a cada geração.

Segundo Rocha (2017), o mito não é a negação da realidade, mas oferece uma interpretação dela. Não é o oposto da verdade, mas uma forma distinta de verdade. Portanto, em vez de encarar o mito como algo falso, deve-se reconhecê-lo como um elemento real e fundamental da cultura humana, uma linguagem simbólica que ajuda a organizar e dar sentido ao mundo. O mito não é uma história “mentirosa”, mas uma realidade simbólica. Ele argumenta que o erro é olhar para o mito com a lógica da ciência ou da razão, que busca a verdade factual, por outro lado, opera em um nível diferente, o nível do significado e da organização social. “O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas

contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de “estar no mundo ou as relações sociais”. (p.2)

Essa forma de transmissão de conhecimento se alinha diretamente com o conceito de memória cultural. O mito é, portanto, um dos principais mecanismos pelos quais uma sociedade armazena sua memória coletiva, assegurando a continuidade de sua identidade. Ele garante que os saberes essenciais sejam preservados, transmitidos e honrados, formando a base de sua cosmovisão e de sua existência.

Isso porque, apesar das modificações sofridas no decorrer dos tempos, os Mitos dos “primitivos” ainda refletem um estado primordial. Trata-se Ademais de sociedades onde os mitos ainda estão vivos, onde fundamentam e justificam todo o comportamento e toda a atividade do Homem. O papel e a função dos mitos ainda podem (ou podiam, até recentemente) ser minuciosamente observados e descritos pelos etnólogos. Interrogando os indígenas a respeito de cada mito, bem como de cada ritual das sociedades arcaicas, foi possível apurar, ao menos em parte, o significado que lhes atribuem (Eliade, 1972, p. 10).

Vale ressaltar a importância dos mitos nas sociedades tradicionais, tanto pela sua capacidade de refletir o estado primordial quanto por fundamentar comportamentos e atividades humanas. Isso se mostra particularmente relevante no contexto da cultura indígena, onde os mitos desempenham um papel fundamental na construção da identidade da cultura. A pesquisa etnológica se apresenta como ferramenta fundamental para entender a cultura e a sociedade indígena, pois ao dialogar com os povos indígenas sobre seus mitos e rituais, é possível apreender os significados que atribuem a essas práticas e, assim, compreender melhor sua visão de mundo. Para Krüger (2011), há uma intrincada relação entre a região amazônica e a forma como ela é representada em mitos e na literatura. Sua obra investiga as narrativas que moldam a percepção desse vasto território, tanto para quem vive nele quanto para quem o observa de fora. O autor analisa como os mitos amazônicos, que muitas vezes surgem das cosmologias dos povos originários e das experiências históricas da região, foram e continuam sendo uma fonte rica de inspiração para a literatura. Ele investiga como os escritores, tanto locais quanto de outras partes do mundo, se apropriaram desses elementos míticos, personagens, paisagens, relações com a natureza e crenças para construir suas obras.

O mito, como produto de determinada estrutura social tem diferentes funções, dentre as quais a mais explícita é a etiológica. A que melhor o fundamenta, porém, é a ideológica, entendendo-se como tal proposta de coesão da comunidade que gerou, fenômenos observáveis na quase totalidade das narrativas. (Krüger, 2011, p.35)

Os mitos da Amazônia não são meras narrativas folclóricas, mas sim um complexo sistema de conhecimento que codifica saberes sobre a biodiversidade, as relações sociais e o mundo espiritual. A literatura produzida a partir desses mitos serve, portanto, como uma forma

de preservar e reatualizar esse saber ancestral. A Amazônia não é apenas um espaço geográfico, mas também um vasto campo simbólico, um “território de mitos”.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Considerando que a metodologia corresponde às etapas pelas quais a pesquisa se desenvolve para alcançar seus objetivos, neste estudo utilizou-se o método fenomenológico como abordagem. De acordo com (Gil, 2013, p. 35):

E uma tendência orientada totalmente ao objeto, ou seja, o método fenomenológico limita-se aos aspectos essenciais e intrínsecos do fenômeno, sem lançar mão de deduções ou empirismos, buscando compreendê-lo por meio da intuição, visando apenas o dado, o fenômeno, não importando sua natureza real ou fictícia.

Uma vez que o objeto de estudo são os mitos, os quais transmitem saberes sobre os modos de vida, bem como as relações sociais e culturais presentes no contexto indígena, foram selecionadas três narrativas, a saber: O peixe boi dos maraguá de Yaguarê Yamãe Lia Minápoty, “Peneira de arumã” de Jaime Diakara e a “Origem do açaí” de Tiago Hakyi, foram analisadas com enfoque nos discursos culturais, sociais, simbólicos e literários contidos nas produções servindo de base para interpretar os saberes culturais dos povos indígenas com uma visão mais aprofundada sobre o objeto de estudo do trabalho.

A escolha dos textos “O peixe-boi dos maraguá”, “Peneira de Arumã” e “A Origem do Açaí” contidos na obra de Murício Negro se deve ao fato de serem representativos na literatura indígena contemporânea brasileira e oferecem uma visão rica e diversificada da cultura e da cosmovisão indígena. Esses textos foram selecionados por sua relevância e importância para a compreensão da cultura e da identidade indígena, bem como por sua capacidade de ilustrar a relação entre o homem e a natureza, a origem do mundo e a importância da tradição e da memória.

O artigo, no que se refere aos procedimentos técnicos que “são a maneira pela qual se obtém os dados necessários para a elaboração da pesquisa” (Gil, 2013, p. 54), utilizou-se a pesquisa bibliográfica onde é:

Desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

A teoria crítica que sustenta esse trabalho é decolonialidade, uma reação crítica às violências deixadas pelo colonialismo, um sistema que foi empregado para a dominação e exploração do trabalho e das riquezas dos povos colonizados. Esse processo histórico deixou

marcas profundas que perpetuam preconceitos e desigualdades em relação às classes subordinadas, influenciando a sociedade até os dias atuais. No entanto, a emergência de escritores indígenas na literatura representa um movimento importante de resistência e afirmação de identidade. Por meio de suas narrativas orais e escritas, esses autores desmitificam estereótipos e oferecem uma visão autêntica de suas culturas e ancestralidades. Ao fazê-lo, contribuem para uma compreensão mais profunda e respeitosa das diferenças culturais, desafiando as narrativas dominantes e promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva.

A decolonialidade é um termo que emergiu da necessidade de ir além da ideia de que a colonização foi um evento acabado, pois entende-se que este foi um processo que teve/tem continuidade, mesmo tendo adquirido outras formas (Souza Oliveira; Lucine. 2021)

Assim, foram utilizados os trabalhos de Dorrico (2018); De Souza Oliveira, (2021); Kambeba (2020); Santos, 2018; Minayo (1994); Sicsú (2024); Thiel (2006); entre outros, que abordam sobre a literatura e a marca da construção da identidade indígena.

Do ponto de vista da abordagem do problema utilizou-se a pesquisa qualitativa na qual “O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem” (GIL, 2013, p. 60). Nesse sentido, o artigo desenvolve-se a partir da leitura e da descrição do fenômeno sobre o qual a pesquisa se debruça. Assim, as metodologias utilizadas fundamentam dados relevantes para a pesquisa, a fim de qualificar e viabilizar a análise do tema em questão.

3. A ANÁLISE DE DADOS ENTRE AS INFORMAÇÕES DOS AUTORES E OS DISCURSOS QUE PRODUZIRAM NOS CONTOS

Os contos propostos para análise compõe coletânea *Nós: uma antologia de literatura indígena* com a organização ilustração de Maurício Negro, esta obra Maurício Negro, que é ilustrador e escritor preocupado em compreender a diversidade brasileira apresenta dez contos escritos por autores de povos além do povo Saterê-Mawé, a qual Hakiy pertence, estão presente contudo os povos Mebengôkré-kayapó; Maraguá; Pirá-Tapuya Waíkhana; Balatiponé Umatina; Taurepang; Umuko Masá Dessana indígenas diferente; Guarani Mbyá; Krenak e Kurâ-Bakairi. Segundo o próprio organizador do livro, proteger e conhecer todas estas identidades, através das histórias que transmitem experiências e valores por gerações, possibilita “recuperar valores essenciais de convívio, compreensão e comprometimento para enfrentar as dramáticas

alterações que causamos aos biomas, à fauna e o clima; a mostrar que os atuais padrões de consumo são incapazes de produzir uma sociedade justa, saudável e digna para todos” (Negro, 2019, p.10).

Na capa, visualiza-se um indígena com cocar e grafismo no rosto, estando de mãos abertas de forma a amparar os nomes dos escritores. A apresentação do livro escrita pelo organizador se chama “Nós, Mas, Afinal, Nós Quem?”. E discorre sobre a importância da antologia e da literatura indígena. Composta por 126 páginas os textos são complementados por ilustrações produzidas pelo organizador, bem como outros três paratextos um glossário relativo as palavras oriundas de línguas indígenas usadas nas narrativas, minibiografia dos autores e uma breve apresentação da etnia dos escritores.

3.1 “Hariporia, a origem do açaí”, de Thiago Hakyi

Em “Hariporia, a origem do açaí” escrita pelo indígena do povo Sateré-Mawé, Tiago Hakyi, narra o surgimento do fruto açaí, um alimento rico em nutriente e importância cultural e espiritual. Nesse conto, a vida dos indígenas era de escassez, a falta de alimento fazia morrer os mais velhos e crianças. O nascimento da bela sateré Yacy-May, filha do pajé Irê e Anhiã, renova os sonhos do povo, trazendo alegria e esperança. Porém, com o passar dos tempos, na havia mudado, a miséria ainda estava presente, pois Tupana castigou os mawés devido “uma atitude malévola de um filho da nação” (Negro, 2019, p. 30), preocupada com o destino dos seus, Yacy-May decide se entregar às águas do Andirá como forma de “pagar o preço pelo desabrochar das flores” (Ibid., p.31) e assim salvar seu povo. Em seu túmulo, brotou uma palmeira com grandes folhas, das flores frutos redondos que de início eram verdes e e pretos depois. O pajé mandou que do fruto fizessem vinho para acompanhar os outros alimentos, e nomeou do fruto de açaí.

Souza (1996, p.54) salienta que a maior parte dos mitos brasileiros são de origem indígena, mas que eles, na leitura popular, foram distorcidos pela ação dos missionários cristãos, que lhes atribuíram um caráter “demoníaco”. Dessa forma, a leitura dos contos pode ressignificar o entendimento sobre os mitos dos povos originários para as novas gerações, tirando-os do lugar da estranheza e do “paganismo” e os trazendo para o lugar da identidade e da composição cultural brasileira.

O conto ressignifica um mito ancestral amazônico, preservando o valor simbólico das tradições indígenas ao mesmo tempo em que dialoga com leitores contemporâneos. Entende-se

que o mito não é fantasia, mas é uma estrutura simbólica do entendimento da existência, “Porque a “Natureza” desvenda e camufla simultaneamente o “sobrenatural”, e é aí que, para o homem arcaico, reside o mistério fundamental irreduzível do Mundo” (Eliade, 1989, p. 121-122), ressalta, portanto, que esta narrativa é compreendida com uma construção social e cultural do povo Sateré-Mawé.

O autor reafirma no conto, a luta dos povos indígenas em manter viva a história e identidade através da literatura, e está por sua vez, de acordo com Candido (1999) “não corrompe nem edifica, ela humaniza o homem de forma plena”, nessa perspectiva, o leitor é levado a ampliar sua visão de mundo, onde ocorre a humanização dentro de uma lógica cultural.

A relação do homem com a natureza está implícita do início ao fim do conto. A parte inicial é esclarecida no trecho sobre a mãe de Yacy-May, “indígena Anhiã, que, por sua vez, era filha da BACABEIRA” (Negro, 2019, p. 29), evidencia que a própria existência do indígena surge e depende de elementos da natureza. Como mencionado, bacabeira é uma árvore nativa da região amazônica e produz a bacaba. Destaca-se que a bacaba e o açaí são parecidos na família botânica, na aparência, valor nutricional e importância cultural, bem como no conto, sendo mãe e filha. A última parte apresenta o leito de morte escolhido por Yacy-May, o rio Andirá. A importância da escolha da personagem, dá-se pelo fato do fruto do açaí se desenvolver às margens do rio. O conto evidencia que a natureza é um ser vivo espiritual, o surgimento e morte da personagem concretiza a natureza não como um objeto, mas como sujeito.

3.2 “Guarūguá, o peixe-boi dos maraguá”, de Yaguarê Yamã e Lia Minápoty

O conto “Guarūguá, o peixe-boi dos maraguá”, escrita pelos indígenas maraguás Yaguarê Yamã e Lia Minápoty, é uma narrativa da origem do peixe-boi. Em uma época de guerra entre humanos e peixes, Monãg, deus poderoso do bem, mandou Guaporé, filho do pirarucu, para seduzir Panãby piã, filha do tuxaua e trazer a paz para o mundo. Como planejado, a moça se encantou por Guaporé transformado em homem, deixando seu marido após a cerimônia de casamento, e meses depois, aparece grávida. As pessoas vão cumprimentá-la, mas ela corre, se joga no rio e o mistério é revelado pelo pajé, declarando que agora ela é esposa do Guaporé, e o fruto da união entre humano e peixe será o Guarūguá, o símbolo da paz, segundo a vontade de Monãg.

O contexto cultural do mito está profundamente enraizado na cultura indígena Maraguá, rica em tradições, mitos e lendas que explicam a origem do mundo, da natureza e a

relação entre humanos e o meio ambiente. A narrativa não tem um tempo cronológico é um passado mítico, tem um narrador onisciente que sabe tudo sobre seus personagens, seus pensamentos, sentimentos e ações., “Há muito tempo, houve uma guerra medonha entre os humanos que residiam na terra e os peixes moradores da água. Nessa época ainda não existia o peixe boi. (Negro, 2019, p.39).

O mito fornece detalhes sobre uma possível “guerra” entre humanos e peixes. É interessante que essa guerra descrita no conto, não é entre humanos, mas sim com seres que são considerados como um povo, não há uma diferença entre peixes e humanos, por este motivo, utilizou-se o termo “guerra”, ao invés de “caça”, reafirmando a briga não de duas espécies, mas de duas nações. E este duelo, que no conto não especifica como iniciou, determina o momento em que as pessoas passaram a comer peixe e alguns peixes, como a piranha, a começaram a comer pessoas.

A aproximação do homem com o peixe na narração, destaca o paralelismo dos dois povos, assim como os humanos têm seu líder, os peixes também e a paz selada envolveria o filho de ambos. A ideia da união entre humano e peixe, de acordo com Viveiros de Castro (2014) que para a proposição presente nos mitos, os animais eram humanos e deixaram de sê-lo, a humanidade é o fundo comum da humanidade e da animalidade. Compreende-se que é o espírito dos peixes que possibilita a transformação para humano. E no conto, os peixes, por possuírem uma cultura diferente, mas próxima da humana, permite que ele se aproxime e se encante por Panãby piã, gerando o Guarugá.

O conto aborda também a figura da mulher, protagonista dessa narrativa, ao se unir com o Piraruku, transforma-se em Guayara, conhecida na mitologia tupi como Yara. Diferentemente da lenda de Iara, Guayara mergulha nas águas do rio por vontade própria e engravida do rapaz por quem se apaixonou, dando à luz peixe-boi, símbolo da união de dois “povos”. Já a Iara é mergulhada nas águas pelo pai como castigo por ter matado seus irmãos, uma história de tragédia familiar. Têm-se então, a postura da Iara como uma personagem perigosa que segue se vingando dos homens que se encantam com a sua beleza.

Essa narrativa mitológica serve como uma explicação para a origem de uma espécie e reforça a importância da interconexão e do respeito entre seres da natureza, segundo a visão de mundo do povo Maraguá. Também traz um retrato dos costumes tradicionais do povo, bem como a regra da escolha do marido em ser da mesma etnia, as danças matrimoniais e a mudança de habitat de Panãby piã. O conto deixa claro que a fuga da personagem para morar com seu amado Guaporé está longe do sentimento de culpa e da imoralidade. Isso acontece porque o

fato da união de uma humana com um peixe ter sido planejada por uma divindade, Monãg, colaborou com naturalidade o surgimento de um novo espírito amazônico.

3.3 “Wuhu Siburu, peneira de arumã, de Jaime Diakara

“Wuhu Siburu, peneira de arumã” é uma narrativa do povo umoko masá dessana recontada pelo escritor indígena Jaime Diakara, é um mito de origem que aborda a criação da terra e a interconexão entre todos os seres da natureza.

O arumã que está no título do conto é uma espécie de cana de colmo liso e reto, da família das matantáceas, que crescem em regiões semialagadas, suas fibras são muito utilizadas para fabricação de cestos e trançados especialidades do povo Umuko Masá dessana.

O cenário em que ocorre a narrativa é na aldeia, tipicamente ao cair da tarde onde um velho sábio (ancião) reúne as crianças em frente à uma grande maloca para lhes transmitir uma história sagrada sobre a origem do mundo.

Essa narrativa encontra-se no campo da cosmologia indígena, refletindo a visão de mundo e as crenças espirituais do povo dessana sobre o universo e os seres.

Para contar a história, o velho indígena se sentou em um banco, segurando em uma mão um bastão cerimonial e na outra uma cuia de ipadu (erva anestésica). “No silêncio, apenas murmurando, acendeu e fumou o seu cigarro. Com a cuia, BAFOROU AS BOCHECHAS. Conforme o cerimonial de mastigar o ipadu. É essa a vivência espiritual de um sábio do povo dessana, na forma de interagir e dialogar com seus ancestrais” (NEGRO, 2019, p.81).

A cuia, o banco, o bastão cerimonial, o cigarro e o ipadu são instrumentos sagrados que conecta o povo com o divino. Esses objetos fazem parte de rituais onde os mestres podem incorporar os poderes e as identidades dos criadores ancestrais.

A forma de baforar as bochechas não é apenas um costume, mas uma vivência espiritual que prepara o sábio para interagir e dialogar com os ancestrais, passando autoridade e sacralidade a história que será contada.

Essa prática de transmissão, por parte dos mais velhos para os mais novos dos saberes e das tradições, de forma oral, é bastante tradicional entre os povos ameríndios. Os mais velhos sempre tiveram a incumbência de tornar conhecidos os relatos ancestrais e garantir que a perpetuação desses conhecimentos seja transmitidos de geração para geração. “Meus netos, preste atenção [...] Gravem na memória[...]Porque um dia serão vocês a contar[...] E a história vai vingar de geração em geração”. Para Thiél (2016, p,94), “as narrativas míticas indígenas

anunciam, principalmente em seus parágrafos de abertura, a consciência de uma continuidade valorizam a memória e a permanência de um saber ancestral” (THIÉL, 2016, p. 94)

Os textos míticos, na cultura indígena estabelecem vínculos entre as gerações e assumem um papel essencial, valorizando a memória e a permanência de saberes ancestrais.

Atualmente as narrativas orais continuam vivas nos povos, por mais que a literatura indígena ainda sofra com apagamento consequência do colonialismo a oralidade é uma ferramenta importante para transmissões de saberes indígenas conforme afirma Daniel Munduruku (2018),“ a narrativa oral utilizada como ferramenta para repassar os saberes e segredo através de gerações nas sociedades autóctones, denota também a crença no poder da palavra pronunciada, já que por meio dela, as histórias e consequentemente as tradições são guardada”

Segundo a narrativa, Ʋmũrĩ Ñeku, que vivia sozinho em um imenso vazio, decidiu da vida ao espaço, que “[...] no princípio era só nuvens, colunas, cuias de vida e escuridão” (DIAKARA, 2019, p. 82). Desse modo, o Avô do Universo transformou as vidas que flutuavam nas sete cuias em seres como ele, sábios capazes de criar e se multiplicar. Ele chamou de Ʋmũrĩ Mahsã: Gente do Universo essa foi a primeira etapa da criação.

Para a Gente do Universo morar, Ʋmũrĩ Ñeku moldou a Terra. Para tanto, fez instrumentos que lhe ajudassem na tarefa: dois bastões cruzados, constituídos por osso de mulher e de homem, cinco peneiras de arumã e uma esteira de zarabatana. Com as ferramentas em mãos, a terra começou a ser esculpida: os bastões formaram a base da Terra, cada peneira se transformou em uma camada do planeta e constituíam-se de arumã de sapo, de cobra, de água, de massa de mandioca e de fartura. Ao girar cada peneira, o criador as benzia e a Terra ia sendo criada. Jogou uma peneira de arumã de sapo em cima dos bastões cruzados e dessa maneira a benzeu, enquanto a girava: “Esta peneira de arumã de sapo formará a primeira camada da terra. É ela que vai gerar a Gente do Universo. Essa peneira será o ar puro, a carne, o osso, o sangue e a saúde da Gente do Universo. O leite e o mel que nunca terão fim”. Então Ʋmũrĩ Ñeku cobriu a primeira peneira com outra, de arumã de cobra. E da mesma forma a benzeu: “Esta peneira de arumã de cobra formará a segunda camada da terra. É ela que vai gerar Ʋmũrĩ Mahsa. É ela que vai gerar a Gente do Universo. Essa peneira será o ar puro, a carne, o osso, o sangue e a saúde da Gente do Universo. O leite e o mel que nunca terão fim” (DIAKARA, 2019, p. 83)

O mito descreve que diferentes peneiras (de cobra, de água, de mandioca, de fartura, foram usadas para dispor as camadas da terra e do céu. Isso explica a camada hierárquica e

funcional do universo. A peneira que na realidade serve para separar a farinha fina do resíduo grosso(bagaço), simboliza a distinção entre o que é essencial (a vida, o alimento, a saúde) e o que é secundário ou perigoso. É por tanto, um símbolo da ordem cósmica e da sabedoria da diferenciação.

Na natureza tudo é indissociável. Uma árvore é um ser humano. Suas folhas são cabelos. Os galhos são o braço. Raízes, pés. Por sua vez, a terra é a carne do corpo. É pelos rios irrigada, como as veias que fazem nosso sangue correr. Quando morremos, nosso corpo é devolvido a mãe terra, retorna às origens. O mito desana é ciência indígena, sabedoria vivenciada. E a terra, crianças, e o reflexo do céu.” (DIAKARA,2019, p. 85)

Conforme o trecho o conto estabelece uma relação do ser humano e com a natureza tudo na natureza está conectado (humanos, animais, plantas). É fundamental para uma análise ecológica e o respeito ambiental.

O mito é uma resposta a literatura a invisibilidade e ao apagamento. Ao detalhar a complexidade do seu cosmo, o autor não apenas educa o leitor, mas também arma sua própria comunidade com o orgulho e o conhecimento de suas raízes.

A cosmogonia Desana apresenta uma narrativa complexa, simbólica e filosófica, desafia a lógica linear. A peneira de arumã transcende a função de utensílios domésticos, figurando como um instrumento sagrado de ordenação do universo e separação dos elementos essenciais a vida. A complexidade da narrativa de Jaime Diakara demonstra que a literatura indígena não se entrega a uma leitura superficial; ela exige do leitor um esforço e uma leitura sobre antropologia e a visão de mundo do povo Desana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Análise da obra “Nós” uma antologia de literatura indígena, organizada por Maurício negro permitiu compreender que a transposição dos mitos para a escrita não representa o congelamento da cultura indígena, mas sim uma estratégia política e pedagógica de resistência e afirmação identitárias. Por meio do método fenomenológico, foi possível observar que a narrativa de Thiago Hakyi, Yaguarê Yamã, Lia Minápoty e Jaime Diakara, transcendem o conceito eurocêntrico de folclore ou ficção, revelando-se como complexo sistemas epistemológicos que organizam a vida social espiritual e ecológica desses povos. Nas narrativas analisadas, os saberes são transmitidos de forma intrínseca ao enredo. Em “Hariporia, origem do açaí” percebe-se a relação de sacrifício e gratidão para com a natureza onde, o alimento é visto como uma dádiva divina e ancestral. Já em “Guarūguá, o Peixe-Boi dos maraguá” o mito

atua como regulador social e ecológico estabelecendo limites éticos na relação entre humanos e animais. e alertando para as consequências das transgressões das leis tradicionais. Por fim, “Wuhu Siburu, peneira de arumã” a complexidade cosmogônica do povo Desana desafia a lógica linear exigindo do leitor um mergulho em uma filosofia profunda onde a criação do mundo é um ato contínuo de sabedoria transmitido pelos anciãos.

Conclui-se, que a literatura indígena contemporânea atua como um poderoso instrumento decolonial. Ao ocupar o espaço da escrita os autores indígenas reivindicam o protagonismo de sua própria história desconstruindo estereótipos de “povos do passado” e reafirmando a vivacidade de suas culturas no presente.

A obra “Nós” cumpre assim, uma dupla função para os povos indígenas serve como manutenção da memória e o fortalecimento da identidade para a sociedade não indígena. Funcionando como um convite ao diálogo intercultural e o respeito pela pluralidade de saberes que compõem a formação brasileira fica evidente que os mitos não são apenas histórias sobre a origem do das coisas mais um guia que orientam o bem viver. A preservação e a disseminação dessas narrativas, agora através da literatura, são fundamentais para garantir que as vozes ancestrais continuam ecoando, ensinando sobre Independência entre humanidade e natureza, e assegurando que os saberes indígenas permaneçam vivos para futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. Editora: Cultrix, 2004.
- BETTI, Maria Sílvia. Sobre “**O direito à literatura**”, de Antônio Candido. *Literatura e sociedade*, v. 24, n. 30, p. 56-63, 2019.
- BARROS FILHO, Ricardo Oliveira. **Literatura Indígena: a narrativa ensina outra história**. 2022. Dissertação de Mestrado.
- CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males – Antonio Candido. IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, p. 81 89, 1999.
- CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, A Vários escritos. 3. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHAUÍ, MARILENA. **Iniciação à filosofia: ensino médio, volume único**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 2013.
- DIAKARA, Jaime. **Wuhu Siburu, peneira de Arumã**. In: NEGRO, Maurício (Org.). **Nós: uma antologia de literatura indígena**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019. p. 80-89.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloísa Helena Siqueira; DANNER, Fernando. **Literatura Indígenas brasileira Contemporânea**. Porto Alegre: Fi, 2018.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1989

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FOCHI, Graciela Marcia. **Memória e história oral**. Edições Uniaselvi, 2017.

Gil, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil**. – 4. Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

GRAÚNA, Graça. **Literatura: diversidade étnica e outras questões indígenas**. Revista Todas as Musas, v. 5, n. 02, p. 52-57, 2014.

Krüger, Marcos Frederico. **Amazônia: Mito e Literatura**. 3.Ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MUNDURUKU, Daniel. **Visões de ontem, hoje e amanhã: é hora de ler as palavras**. Prefácio. In: POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.

NEGRO, M. **NÓS: uma antologia de literatura indígena**. Organização e ilustração de Mauricio Negro. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. 5. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SICSÚ, Delma. **A Temática Indígena em foco**. Ponta Grossa- PR: Atena, 2024.

SOARES, Magda. **Leitura e democracia cultural**. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSINANI, Zélia (org.). **Democratizando a leitura: e práticas**. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2008. P. 17.

SOUZA, A. L. **Contos de fada: Grimm e a literatura oral no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1996.

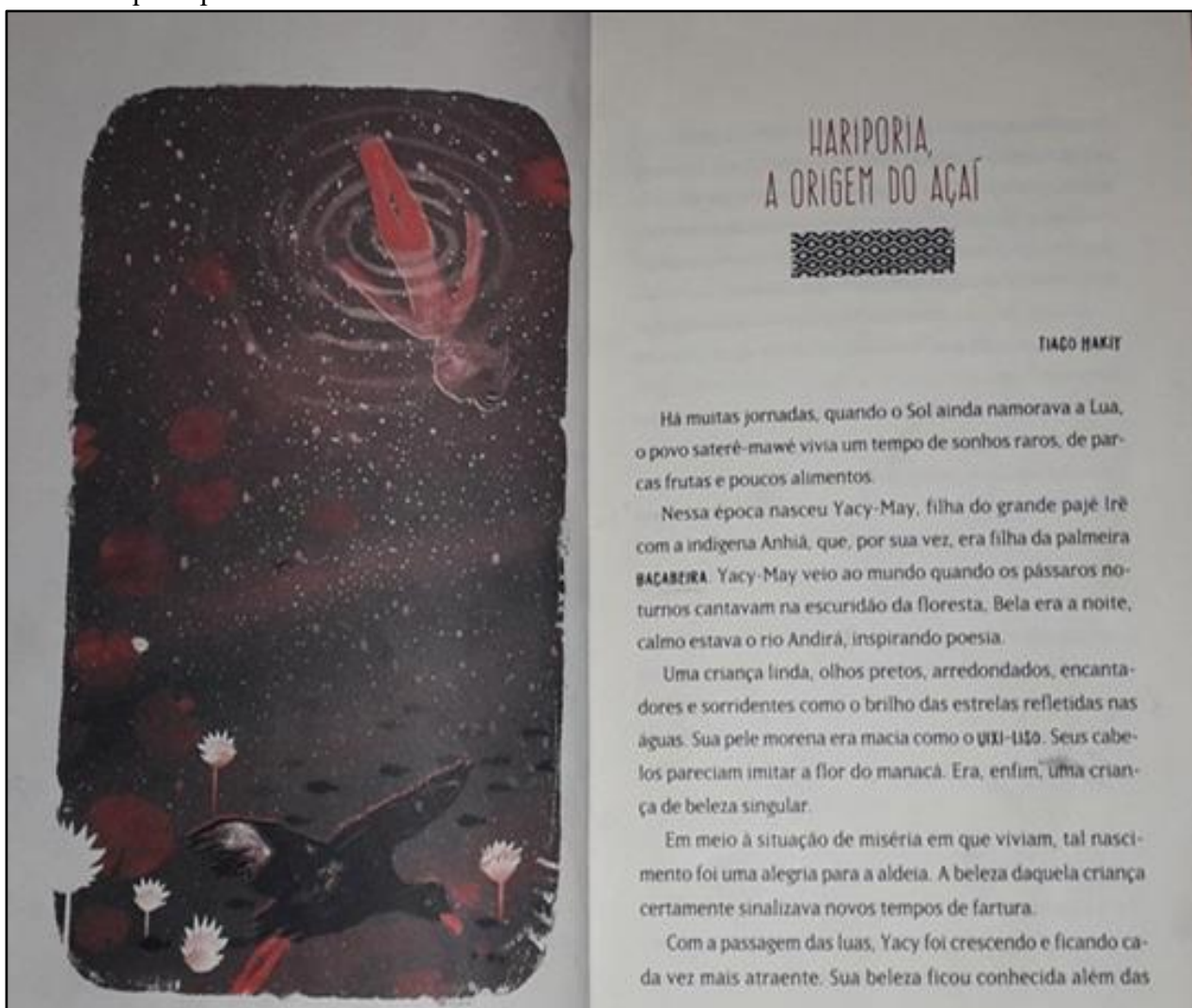
THIÉL, Janice. **A literatura infanto-juvenil indígena brasileira e a promoção do letramento multicultural**. Literartes, n. 5, p. 88-99, 2016. Disponível em: . Acesso em: 10 dez. 2025.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem – e outros en saios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2014. Livro eletrônico.

“Hariporia, a origem do açai”, de Thiago Hakyi (2019)

O corpo de Yacy-May flutuando no rio Andirá

Fonte: Arquivo pessoal



“Guarūguá, o peixe-boi dos maraguá”, de Yaguarê Yamã e Lia Minápoty

Imagem de Panãby'Piã e Guaporé



Fonte: Arquivo pessoal.

“Wuhu Siburu”, peneira de arumã, de Jaime Diakara

Velho indígena narrando o mito



Fonte: Arquivo pessoal.